Murugan versus Skanda

A apropriação ariana de um deus tribal dravidiano

URMI CHANDA-VAZ
Departamento de Sânscrito da Universidade de Mumbai

[Traduzido por E. M. em 2015].

Resumo

A antiquíssima disputa ária-drávida aparece repetidamente na paisagem cultural indiana. O povo dravidiano reclama primazia em áreas nativas, enquanto os arianos controlam sua supremacia brahmânica. Os Vindhyas mantiveram uma distância resoluta entre as culturas do norte e do sul, apesar de séculos de tentativa de arianização.

Entre os muitos símbolos culturais apropriados pelos indo-arianos, o deus popular Murugan é um bom exemplo. Vários estudiosos modernos têm estudado os Purāṇas como uma ferramenta para aculturação e com razão. O antigo deus das colinas, que tinha um culto independente, foi lentamente introduzido no grupo Shaiva através de vários Purāṇas. Mais aprovação popular foi gerada com a tradição Smārta de Ādi Śaṃkara. O deus guerreiro popular, que teve pouca menção nos Vedas, de repente faz uma aparição gloriosa no período pós-vêdico. Quem foi Skanda? De onde ele veio e por quê? Quão semelhantes ou dessemelhantes são o Murugan do sul e o Skanda-Kārttikeya do norte?

Esse artigo traça a origem e o desenvolvimento desse deus na Índia ariana, enquanto o compara com seu equivalente do sul. Ao estudar os temas iconográficos e mitológicos, esse trabalho espera compreender as motivações religiosas e políticas por trás dessa apropriação. Os arianos foram totalmente bem sucedidos na aculturação de Murugan? A disputa começou nos primeiros séculos da Era Comum e continua até hoje.

Introdução

O festival de Thaipusam comemorado no mês tâmil de Thai (por volta de janeiro-fevereiro) é extraordinário para dizer o mínimo. Milhares de fiéis de todo o Tamil Nadu, Sri Lanka, Malásia, Cingapura e até mesmo da África do Sul participam desse festival anual que celebra a entrega da arma divina *vel* para Murugan pela deusa Durgā. Armado com essa *vel*, Murugan vence o mal e a ignorância. Enquanto a lua brilha em todo o seu esplendor, multidões de devotos de Murugan andam em uma procissão carregando uma *kavāḍī* ou uma 'carga'. Na sua forma mais simples, uma *kavāḍī* poderia ser um pote de leite, mas formas mais extremas incluem fixá-los ao corpo com ganchos de metal afiado. A *kavāḍī* é um símbolo da carga dos pecados passados e carregá-la como um ato de redenção.[1] A visão de devotos caminhando com muitas lanças finas e ganchos perfurando suas bocas e corpos é incrível. Esses devotos parecem estar em um estado de transe e aparentemente estão ilesos. Que outra fé e controle mental extremo poderiam tornar possível tal espetáculo? É difícil dizer. Mas o que se pode dizer com certeza absoluta é que o povo do sul da Índia, especialmente os tâmeis, adoram Murugan zelosamente.

O Kaḍavul Tâmil ou o Deus dos Tâmeis

O termo "tâmil" tem vastas conotações culturais. Além da língua e do povo, o termo 'Tamilagam' era usado para se referir a todos da antiga Índia[2] peninsular. A maior parte da história antiga do sul da Índia vem da literatura de Sangam, que está registrada em tâmil. Veio a ocorrer, portanto, que a maioria dos emblemas culturais do sul da Índia tem um legado tâmil, incluindo os seus deuses. A propósito, um dos muitos nomes de Murugan é 'Kaḍavul Tâmil', que significa 'Deus dos Tâmeis'. Nesta seção, nós olhamos para um dos primeiros deuses tâmeis de quem o culto de Murugan evoluiu.

No sul da Índia pré-ariana, a terra era classificada em cinco tipos, de acordo com sua principal característica geográfica ou *tinais*. Esses eram Mullai (área florestal), Marutham (terra agrícola), Neithal (terra costeira), Pālai (terra árida, seca), e Kurinji (terra montanhosa).[3] Cada um era associado a um deus que era seu guardião.

As primeiras práticas religiosas do sul da Índia encontram referências em *Ṭolkappiyam*, um antigo texto tâmil sobre gramática, pertencente à Era de Sangam.[4] De acordo com esse trabalho enciclopédico, as divindades presidentes eram: Mayon em Mullai, Ventan ou Intiran em Marutam, Varuṇa em Neithal, uma deusa malévola semelhante a Kali em Pālai e Śeyon em Kurinchi.[5]

---

[1] Abram, D., & Edwards, N. (2003). *The Rough Guide to South India* (p. 517). Rough Guides.
[2] Kumar Raj (2003), *South India in Essays on Indian Society*, (p. 66), Discovery Publishing House.
[3] Pillai, S. (1994). *The Contributions of the Tamils to Indian Culture: Socio-cultural aspects* (p. 20). Madras, Tamil Nadu: International Institute of Tamil Studies.
[4] Mehendale, M A. (2001). *Language and Literature. In The History and Culture of the Indian People: The Age of Imperial Unity* (7th ed., Vol. 2, p. 293). Mumbai, Maharashtra: Bharatiya Vidya Bhavan.
[5] Clothey, F. (2005). *Murukan in Early South. In The Many Faces of Murukann: The History and Meaning of a South Indian God* (Reprint ed., p. 24). New Delhi: Munshiram Manoharlal Pvt.

Desses, Śeyon, 'o deus de cor vermelha' parece ter sido o protótipo para Murugan. K. R. Ventakaramana[6] lista algumas das suas características. "Os mais antigos hinos tâmeis se referem a ele como o deus das regiões montanhosas, e o deus das tribos de caçadores – Velan (aquele que carrega uma *vel* ou lança). Acreditava-se que ele induzia sentimentos violentos de amor na mente das moças, e era propiciado por ritos mágicos. Seus sacerdotes e sacerdotisas, usando cachos de flores *vengai* pingando mel, cantavam e dançavam...".

Na antiga literatura de Sangam ele também está associado à flora e fauna locais, especialmente ao elefante, ao pavão, e ao galo.[7] Um dos nomes de Murugan é 'Guha', que significa "escondido" ou "caverna", e é provavelmente uma referência à forma mais antiga do deus, que percorria as cavernas e as montanhas. Alguns estudiosos também dizem que ele está relacionado aos Grahas e Mātras desfavoráveis e perigosos.[8] Essas pistas são fortemente evidentes de uma divindade popular – uma espécie de chefe-caçador-amante – das tribos nativas das montanhas como Veddas e Kuravas[9] nos primeiros séculos antes da Era Comum. Assim, o culto de Murugan em sua antiga forma de Śeyon remonta há séculos na região tâmil, rastreável pelo menos à Era de Sangam.

De fato, alguns estudiosos[10] até argumentam que a adoração Skanda pode ter sido conhecida até mesmo pelas pessoas da civilização do Vale do Indo! A base para o argumento é um selo harappeano com seis figuras femininas e uma figura masculina, que se acredita serem as seis Kṛttikās / Mātṛkās acompanhadas por Skanda. Embora essa não seja uma teoria popular, ela passa a afirmar que Skanda é de fato visto como um dos mais antigos deuses indianos.

Śeyon para Skanda: referências literárias

A influência ariana começou a se manifestar em Tamilagam por volta do quarto século a.E.C.,[11] com o advento do Sábio Agastya, um personagem semi-histórico. Após esse ponto, os deuses populares locais como Skanda foram rapidamente e sistematicamente introduzidos no grupo brahmânico. No entanto, muitos brâmanes do culto de Agastya acreditam que foram eles que trouxeram Skanda com eles para o sul quando eles migraram atrás do seu guru.[12]

As primeiras referências possíveis a Skanda ocorrem no Ṛg Veda pelo nome Kumāra,[13] que é identificado com Agni. Ele é, portanto, também conhecido como 'Agnibhū'. Ele também é identificado com Rudra em algumas histórias vêdicas.[14] Skanda veio a ser reconhecido como o senhor dos pequenos criminosos assim como seu 'pai', Rudra. A

---

[6] Ventakaraman K R, (2007), *Skanda Cult in South India in The Cultural Heritage of India*, (p 309), The Ramkrishna Mission Institute of Culture.
[7] Clothey, *Op. Cit.* (pp. 26-32).
[8] Mann Richard (2011) *The Rise of Mahasena: The Transformation of Skanda-Karttikeya in North India from the Kusana to Gupta Empires,* p. 2, BRILL.
[9] Ventakaraman *Op. Cit.* (p 311).
[10] T. G. Aravamuthan e B. Y. Volchok afirmaram que o selo (da Civilização do Vale do Indo) em questão representa as Kṛttikās e Skanda.
[11] Kumar Raj, *Op. Cit.*
[12] Pillai Devadas S. (1997), *Indian Sociology Through Ghurye: A Dictionary*, (p 4), Popular Prakashan, Delhi.
[13] Sastry Kapali TV, Pandit Pundalik Madhav (1967), tradução da *Rigveda Samhita* Vol. 1, (p 167), Sri Aurobindo Ashram.
[14] Narayan Aiyangar (1987), *Kumara in Essays on Indo-Aryan Mythology,* Vol. 1 (p 29), Asian Educational Service.

Mricchakaṭikā (Ato 3) de Śūdraka se refere a ladrões e assaltantes como 'Skandaputras'. Esses atributos mantinham o sabor do antigo deus tribal das colinas e das formas de pilhagem das tribos ciganas. No entanto, essas referências nos Vedas eram poucas e distantes entre si. Uma vez que o budismo começou a se espalhar agressivamente desde o século VI a.E.C., a religião vêdica moveu-se rapidamente da cultura exclusiva do sacrifício do fogo para abraçar deuses e cultos locais em uma tentativa de permanecer popular.

Skanda parece ter sido não um, mas uma classe de deuses semelhantes no primeiro período. Além de Śeyon, nós o encontramos em diferentes formas e nomes em diferentes escrituras, epígrafes e moedas. Mas consequentemente vemos uma fusão e a criação de uma entidade conhecida no norte da Índia Skanda-Kārttikeya. Em uma das Upaniṣads mais antigas – a Cāndogya Upaniṣad (composta por volta do séc. VIII antes da Era Comum),[15] nós o encontramos como Sanat Kumāra.[16] Embora Sanat Kumāra seja um dos quatro sábios Kumāra, essa identidade baseia-se no atributo de juventude eterna que também é possuído por Skanda. Mais tarde, em torno do século XIV E.C.,[17] nós o encontramos como Khaṇḍobā em Maharashtra, embora essa não seja uma noção muito popular. Khaṇḍobā é maioritariamente considerado como uma encarnação de Śiva, mas dado à sua natureza guerreira, alguns estudiosos o identificam como Skanda ou Subramaṇya.

Na época das Upaniṣads e dos Purāṇas o deus de pele avermelhada, Śeyon, foi atraído especificamente para o grupo Shaiva, muito parecido com o seu homólogo, Gaṇeśa. Nath[18] diz: "Os cultos de Gaṇeśa e Kārttikeya como encontrados nos Purāṇas são os exemplos mais marcantes da transformação de deidades tribais em deuses purânicos principais". Ela acrescenta como o Viṣṇudharmottara Purāṇa e o Matsya Purāṇa dão referências a numerosos deuses e deusas populares, em uma tentativa de incorporar divindades marginais à corrente principal.

Aculturação através da mitologia

Uma poderosa ferramenta de aculturação é a mitologia. O mito do seu nascimento como o filho de Śiva é importante uma vez que o introduz no poderoso culto Shaiva. A primeira associação de Skanda com o Rudra vêdico de um lado, e a evolução de Rudra no Śiva purânico explicam essa associação. O sincretismo religioso dos tempos purânicos muitas vezes esteve em ação na criação de tais inter-relações entre diferentes deuses.

Nath afirma: "No caso da corrente central de Śiva, nós descobrimos que foi em grande parte através da extensão do círculo familiar mais próximo de Śiva que divindades com molde e fundo tribais e regionais proeminentes como Gaṇeśa, Skanda, Pārvatī ou Durgā puderam ser integradas ao grupo purânico".[19] Śiva era talvez a escolha perfeita para assimilar outros cultos por causa da sua personalidade incerta: nem tribal, nem dominante; nem totalmente asceta nem completamente chefe de família.

---

[15] Hudson D (2008), *The Body of God: An Emperor's Palace for Krishna in Eighth-Century Kanchipuram*, (p 36), OUP.
[16] Narayan, *Op. Cit.* (p 68).
[17] Parmeshwaran (2004) *The Khandoba Cult in Encyclopaedia of The Shaivism*, (p 73), Sarup & Sons.
[18] Nath Vijay (2001), *Acculturation Process Mythicised in Puranas and Acculturation: A Historico-Anthropological Perspective*, (pp 98-99), Munshiram Manoharlal Publishers Pvt. Ltd. Delhi.
[19] Nath, *Op cit.,* pp. 98-99.

As histórias mais populares do nascimento de Skanda ocorrem nos épicos. O período épico parece ter sido a época em que esse deus cresceu em destaque. Com pequenas variações, vê-se a seguinte história do nascimento sendo contada em várias fontes. Algumas das fontes incluem o Rāmāyaṇa [1.37], o Kumārasambhava, o Vāyupurāṇa [2.11], e o Skandapurāṇa. Mais referências ocorrem na Bhagavad Gītā, no Arthaśāstra de Kauṭilya e no Māhābhāṣya[20] de Patañjali. A história mais elaborada da sua origem ocorre no Skanda Upākhyān do Araṇya Parva do Māhābhārata [3.244]. Em sua tese de doutorado intitulada 'O Antigo Culto de Skanda no Norte da Índia: Do Demônio ao Filho Divino', Richard D. Mann (2003) aponta como Skanda é retratado como um deus malévolo no início do épico e se torna um auspicioso perto do fim.

Em resumo, a história nos conta como Śiva lançou sua semente inadvertidamente em Agni. Mesmo Agni achou o poder de *tapas* de Śiva demais para suportar e a levou para o rio Gaṅgā (Skanda é também chamado Gaṅgeya). O Ganges então depositou as faíscas ardentes em uma floresta de juncos (Śaravaṇa). Aqui o bebê Skanda (em algumas versões, seis bebês) nasceu com seis cabeças (Ṣaṇmukha) e 12 braços e foi amamentado pelas seis Kṛttikās (Plêiades). Esse mito une habilmente várias histórias de origem confusas. Ela justifica todos os contos sobre Skanda ser filho de Rudra / Śiva, Agni, Gaṅgā, e das Kṛttikās (o nome Kārttikeya vem de Kṛttikās). Nenhum outro deus na mitologia hindu tem tantos candidatos para filiação. Isso pode ser visto como uma indicação da sua popularidade e que o grupo vêdico tentou desesperadamente atrair seus seguidores para reforçar seus números.

Mais adiante, na história, nós sabemos da rivalidade inicial de Indra com e posterior aquiescência de Skanda. No período de rivalidade, Indra uma vez atinge o deus criança com seu *vajra,* mas consegue cortar apenas uma parte da perna dele. Disso brota Viśākha portando uma lança. Em alguns lugares, é dito que Viśākha é irmão de Skanda, e em outros, pensa-se que ele é o próprio Skanda. De Skanda também emanam hordas de Kumāras e Kumarīs, que, como os *gaṇas* de Rudra, são lutadores ferozes. Como Indra, Skanda também é associado à bravura militar e acabou por ser nomeado o general dos deuses. Ele luta contra demônios do mal como Tārakāsura, Bāṇāsura e Pralambāsura e a escuridão da ignorância.[21]

Outros mitos importantes incluem o casamento de Skanda com a filha de Indra Devasenā e Valli, uma caçadora das colinas. Geralmente pensa-se que os nomes surgiram de corrupções / interpretações errôneas / associações dos termos 'Deva sena-pati' (o comandante dos *devas*)[22] e *Vel*, a lança sempre presente de Skanda. Portanto, eles são mais os atributos de Skanda do que suas esposas. Contudo, no sul da Índia, Murugan é constantemente representado e adorado junto com suas duas consortes. Esse é um grande ponto de diferença entre Murugan e Skanda, pois o último é descrito como um asceta celibatário[23] pertinaz na parte norte da Índia, especialmente Bengala e Orissa. Na verdade, o celibato é um aspecto tão importante da personalidade de Skanda que as mulheres não são autorizadas a entrar nos poucos templos de Kārttikeya existentes no norte da Índia.

---

[20] Clothey, *Op. cit.* p 57.
[21] Clothey, *Op. Cit.* pp 50-55.
[22] Bonnefoy Yves (1993), Sul da Ásia, Irã e Budismo em *Asian Mythologies*, (pp 92-93), University of Chicago Press.
[23] Chatterjee Asim Kumar, (1970), *The Cult of Skanda-Kārttikeya in Ancient India*, (p 103), Punthi Pustak.

Outro mito popular[24] explica a presença proeminente de Murugan no sul da Índia. A história é sobre rivalidade entre irmãos. Skanda e Gaṇeśa estão uma vez lutando por causa de uma manga. Querendo resolver a luta, Pārvatī pede que eles corram ao redor do mundo e diz que o vencedor ganharia a manga como prêmio. Skanda parte rapidamente para dar a volta à terra, enquanto Gaṇeśa circungira Śiva e Pārvatī, afirmando que eles são seu mundo. O obviamente mais rápido Gaṇapati é declarado vencedor, para grande desgosto de Skanda. Alegando favoritismo, Skanda amuado parte para o sul da Índia e se instala lá.

Muitos outros mitos sobre o heroísmo de Skanda selam sua imagem como um ariano sofisticado, tendo sido associado a nomes como Śiva, Agni e Devī. Aqui, sua evolução de um deus tribal saqueador para um deus protetor está completa.

Evidências históricas e arqueológicas

O avanço mitológico de Skanda espelha sua ascensão histórica e vice-versa. As evidências arqueológicas mais antigas de Skanda podem ser colocadas nos primeiros séculos da Era Comum, que foi também quando os épicos e os Purāṇas foram escritos e consumidos com força total. É através de várias evidências estatuárias, epigráficas e numismáticas que sabemos sobre a existência de vários Skandas como expressa anteriormente.

Moedas de Kuṣāṇa do primeiro século da Era Comum, pertencentes ao rei Huviṣka, retratam uma série de divindades indo-bactrianas. Dessas, as moedas com a figura de Skanda são bem conhecidas. De acordo com o numismata eminente Parmeshwarilal Gupta, "Além de Śiva e Umā, seu filho Kārttikeya também encontra um lugar nas moedas de ouro. Ele é mostrado lá sozinho com o nome Maasena (Mahāsena); em um par com o selo Skandakumaro Vizago (Skandakumāra e Viśākha). Skandakumāra, Mahāsena e Viśākha são três nomes diferentes do mesmo deus Kārttikeya, mas essas moedas sugerem que cada um tinha sua identidade separada".[25]

Há também moedas de Kuṣāṇa retratando a divindade com cabeça de bode, Naigameṣa – outro deus associado e identificado com Skanda. Uma das seis cabeças de Skanda é a de uma cabra (seu legado de Agni), muito semelhante à cabeça de Naigameṣa, e se rezava a ambos pela proteção das crianças.[26] O significado cultual de Skanda-Naigameṣa pode ser inferido a partir do número de estátuas antropomórficas de cabeça de bode de terracota bruta que foram descobertas na região de Mathurā.[27] Essas moedas retratam Skanda de uma forma majestosa, completo com uma arma semelhante à lança e uma capa. O modelo épico do deus como um guerreiro parece ter influenciado a iconografia nessas moedas. Nilakanti Shastri (como citado em Clothey, 2005) também menciona "certas moedas Ujjain do terceiro ou segundo século a.E.C." que apresentam as lendas 'Brāhmaṇya' e 'Kumāra'. Os reis Sātavāhana do Deccan também pareciam estar

---

[24] Smith David, (2008), *Hinduism and Modernity*, (p 143), John Wiley & Sons.
[25] Gupta, P. (1996), *Coins of the Kushanas and their Successors in Coins* (4th ed., Vol. Reprint, p. 38), Delhi: National Book Trust.
[26] O *Baudhāyana Sūtra* liga Skanda à cura de crianças ou *kumāras*.
[27] Mann Richard D (2003), *The Early Cult of Skanda in North India (Doctoral Thesis),* (p 208), McMaster University, Ontario, Canada.

patrocinando o culto Śiva-Skanda simultaneamente nos primeiros séculos da Era Comum, dado que os seus reis tinham nomes como Śiva Skanda Sātakarni[28] (145-152 E.C.).

Moedas similares pertencentes aos Yaudheyas – datadas aproximadamente do séc. II a.E.C. ao séc. II E.C. – oferecem mais provas da antiguidade do culto de Skanda. Esse clã guerreiro saudava Skanda como o seu deus tutelar e o adorava na forma de Brāhmaṇyadeva-Kumāra, em estreita associação com a deusa Śaṣṭhī.[29] Uma série de painéis em baixo relevo de Mathurā pertencentes ao mesmo período também retrata Skanda junto com as Mātṛkās / Kritikās.[30] Isso implica que, embora o aspecto marcial de Skanda estivesse começando a ganhar popularidade, a sua associação mais antiga com deuses-mãe inauspiciosas não foi esquecida.

Várias das suas moedas de prata e cobre Yaudheya apresentam uma divindade de seis cabeças, enquanto algumas mostram um deus de uma cabeça que segura uma lança em um dos seus dois braços e tem um pavão ao seu lado. A identidade de Skanda é reforçada ainda mais através das inscrições[31] nas moedas. Duas delas podem ser traduzidas da seguinte forma:

"De Brāhmaṇuja Skanda, o senhor divino dos Yaudheyas"

e

"De Kumāra, o senhor divino Brāhmaṇyadeva".

Enquanto a representação iconográfica e nomenclatura tornam bastante claro que o deus em questão é Skanda, a escolha do epíteto 'Brāhmaṇyadeva' é única. Em nenhum lugar nas escrituras, antes ou durante o tempo dos Yaudheyas, esse nome foi usado para Skanda. Enquanto não há evidências conclusivas sobre o que o nome significa, pode-se conjeturar que ele é uma conexão brâmane.

A forma brahmânica de adoração de Skanda parece ter ganhado terreno no sul da Índia por volta da mesma época. A dinastia Ikṣvāku baseada no atual Andhra Pradesh foi fundada pelo rei Shantamula I no terceiro século E.C. Ele era um seguidor fiel de ambos – da religião brahmânica e do deus Skanda. Ele foi descrito nos Purāṇas como sendo "favorecido por Mahāsena".[32] Os nomes dos reis e parentes na genealogia de Ikṣvāku, como Khandasiri, Khandasa-garamnaka, Khandavi Sakhamnaka, onde Khanda representa Skanda,[33] comprovam ainda mais o seu apreço pelo deus.

Os Guptas foram os próximos a levar adiante a glória de Skanda-Kārttikeya no norte da Índia. Do quarto ao sexto séculos da Era Comum do que é denominado Era Dourada da

[28] Chattopadhyaya Sudhakar (1974), *Some Early Dynasties of South India*, p 98, Motilal Banarsidass Publications.
[29] Mann, *Op. Cit.,* pp. 231-232.
[30] Maity, S., Thakur, U., & Narain, A. (1988). *Studies in Orientology: Essays in memory of Prof. A.L. Basham* (p. 157). Y K Publishers.
[31] Clothey, *Op. Cit.,* p 59.
[32] Sircar DC (2001) *The Deccan after the Satavahanas in The History and Culture of the Indian People: The Age of Imperial Unity* (7th ed., Vol. 2, p. 225). Mumbai, Maharashtra: Bharatiya Vidya Bhavan.
[33] Agrawala Prithvi Kumar (1967), *Skanda-Kārttikeya: A Study in the Origin and Development*, (p 50), Benares Hindu University.

Índia, o deus guerreiro desfrutou de muito patrocínio.[34] Muitas moedas Gupta, especialmente aquelas encomendadas por Skanda Gupta e Kumāra Gupta, retratam o deus, especialmente através do tema do pavão. Os nomes dos reis também dão testemunho da popularidade da divindade. É de notar que, nessa altura, as várias formas de deus, como Viśākha e Mahāsena, haviam se unido e se tornado o singular Skanda-Kārttikeya com o qual estamos familiarizados.

Motivações políticas e religiosas

A deificação e evolução de Skanda como um deus marcial nobre foi conectada por estudiosos como Mann e Clothey principalmente à ideia da realeza. Desde o período Magadhan, as ideias de estado e monarquia se manifestaram. Os Kuṣāṇas, com abundância de influências gregas, solidificaram o modelo. A sociedade indiana que uma vez reconheceu muitos comandantes agora caiu no âmbito de uns poucos reis.

Foi durante o período de 200 A.E.C. a 500 E.C. que a concepção épica e purânica de Skanda se materializou, e ele se tornou um deus guerreiro nobre digno da adulação dos reis. Skanda, que era o bravo comandante "vêdico" dos exércitos dos deuses, e Skanda, que era o deus tribal que protegia as crianças das doenças, foram fundidos para criar um deus perfeito para os reis que protegiam seus súditos em tempos de guerra e cuidavam deles em tempos de paz. Essas motivações políticas foram, portanto, parcialmente responsáveis pela arianização de um dos deuses dravídicos originais.

Entre os motivos religiosos da mudança do papel de Skanda estava a ascensão do culto Shaiva. O que começou como um movimento para brahmanizar e, portanto, 'legitimar' Skanda no crescente panteão da religião vêdica, por fim o transformou em algo como uma divindade inferior. Apesar da popularidade de culto que ele desfrutava no norte da Índia nos primeiros séculos da Era Comum, ele não poderia enfrentar o todo-poderoso Śiva e o cada vez mais popular Gaṇeśa. De um senhor da guerra tribal independente, ele foi relegado à posição de um filho obediente e talvez menos favorecido. Era hora de encontrar pastos mais verdes.

Skanda vai para o sul

Perto do fim do século V da Era Comum, a forte influência Gupta sobre o norte da Índia começou a diminuir. Com o poder em declínio dos reis, as suas divindades protetoras começaram a declinar também. Skanda especialmente enfrentou a dura concorrência de seu irmão, Gaṇeśa, e moveu-se para o sul quando culto do último começou a ganhar destaque.

Ghurye (conforme citado por Pillai: 1997) opina que perto do fim do quinto século, a maioria do Deccan – incluindo os atuais Karnataka, Andhra Pradesh e Tamil Nadu – estavam sob a influência do culto de Skanda. Nós mencionamos acima como a adoração

[34] Mookerji Radhakumud (2007), *The Gupta Empire*, (pp 87-88), Motilal Banarsidass Publishers.

de Skanda começou a receber um impulso a partir do terceiro século E.C. em diante, graças aos reis Ikṣvāku.

Os Pallavas se encarregaram em seguida de manter o legado de Skanda na forma de Murugan e Subramaṇya do quarto século E.C. em diante. Um rei Pallava desse período afirmou claramente a sua lealdade ao culto de Śiva-Skanda em seu nome, Śiva-Skanda-Varman. A evidência arqueológica mais antiga de Skanda desse período vem na forma de um painel em Mahabalipuram, datado de 675 E.C.,[35] onde o deus é retratado com seus "pais", Śiva e Pārvatī.

A lenda também diz que um rei Chera, Perumal, construiu o famoso templo Subramaṇya em Palani em Tamil Nadu no século VII E.C.[36] Em seguida, os reis Pandyan também parecem ter fomentado o culto de Skanda-Subramaṇya, como comprovado por uma inscrição do rei Varaguna Maharaja II. A inscrição, datada de aproximadamente 814 E.C.[37] afirma que o rei era de fato um devoto desse deus. Os patronos seguintes vieram na forma dos ilustres Cholas. Embora os Cholas fossem principalmente Śiva *bhakts*, quase todos os seus templos de Śiva retratavam Subramaṇya em um santuário secundário.[38] Às vezes, Bala Subramaṇya – a versão infantil de Skanda – também ganhava um templo exclusivamente para si próprio como o templo em Kannanur.[39] Bronzes Somaskanda são um aspecto importante da herança de Skanda também. Uma escultura em baixo relevo do século XI[40] em Tiru Vengaivasal retratando Subramaṇya em *vīrāsana* segurando um rosário e a *vel* contribui para a lista de evidências históricas e religiosas. Conceber Subramaṇya como um guru e um curandeiro como Śiva, o que é um forte contraste com a sua forma malévola anterior, o estabelece firmemente na tradição religiosa Shaiva.

O desenvolvimento paralelo da tradição Smārta durante a Era Purânica assegurou uma posição importante para Skanda no mapa religioso indiano. A tradição Smārta, que alguns pensam ter sido formulada por Śaṅkarācārya,[41] é uma escola sincrética que legitima e equaliza a adoração de uma família de divindades. A escola Pañcarātra abrangia Śiva, Devi, Gaṇeśa, Viṣṇu e Skanda. Uma variante, a escola Śanmata, acrescentou Sūrya à mistura, dando assim aos crentes um grupo de seis deidades principais para escolher e adorar. Embora parte de uma "família", Skanda desfrutava de uma boa quantidade de atenção.

Além disso, composições como o Skanda Purāṇa (Kanda Purāṇa em tâmil), Skanda Saṃhitā e os Skanda Āgamas cimentaram seu lugar no panorama religioso indiano. Poetas-santos como Kachiappa Sivāchāryar (séc. XII-XIV), Arunagiri (séc. XV E.C.) e Kumara Guru Para (séc. XVII E.C.) escreveram poesia devocional em louvor a Murugan e o catapultaram para alturas gloriosas na imaginação do público, especialmente do povo tâmil.

---

[35] Pillai Devadas S. *Op. Cit.* (p. 302).
[36] Anantharaman Ambujam, (2006), *The Powerful Deity of Palani in Temples of South India,* (2nd edition, p 82), East West Publications.
[37] Pillai, *Op. Cit.*
[38] Venkataraman KR, *Op. Cit.* (pp. 310-311).
[39] *Ibid.*
[40] *Ibid.*
[41] Ghose Rajeshwari (1996), *The Tyāgarāja Cult in Tamilnāḍu: A Study in Conflict and Accommodation*, (p. 98), Motilal Banarsidass Publishers.

Conclusão

O destino dos deuses e dos homens está indissoluvelmente ligado. As forças da religião dependem e são definidas por fatores sócio-políticos. A ascensão, queda e ressurreição dos deuses indianos podem ser estudadas como os melhores exemplos desse fenômeno. A história de Skanda, como vimos, é um exemplo disso. Sua origem no Tamilagam pré-ariano, a consequente ascensão e declínio da sua forma arianizada Skanda-Kārttikeya no norte da Índia e seu retorno e popularidade ao sul da Índia é um exemplo da trajetória da carreira de um deus indiano.

Hoje, Skanda é extremamente popular e é reverenciado por muitos nomes como Śaravaṇa, Amurugam, Gurugruha, Guhan, Subramaṇya, Vadivelan, Senthil, Swāmināťha e Ṣaṇmukha entre outros. Ao longo dos séculos, as forças da religião vêdica e os ideais de estado e de realeza levaram à apropriação desse deus tribal outrora poderoso, e o transformaram no nobre Skanda-Kārttikeya, filho de Śiva. Mas Murugan finalmente encontrou seu caminho de volta para a região tâmil, onde ele começou sua jornada como Śeyon muitos séculos atrás.

BIBLIOGRAFIA

1. Abram, D., & Edwards, N. (2003), *The Rough Guide to South India,* Rough Guides.
2. Agrawala Prithvi Kumar (1967), *Skanda-Kārttikeya: A Study in the Origin and Development*, Benaras Hindu University.
3. Anantharaman Ambujam (2006), *Temples of South India,* East West Publications.
4. *Bonnefoy Yves (1993), South Asia, Iran and Buddhism in Asian Mythologies*, University of Chicago Press.
5. Chatterjee Asim Kumar, (1970), *The Cult of Skanda-Kārttikeya in Ancient India,* Punthi Pustak.
6. Chattopadhyay Sudhakar, (1997), *Some Early Dynasties of South India*, Motilal Banarsidass Publishers.
7. Clothey, F (2005), *The Many Faces of Murukann: The History and Meaning of a South Indian God*, Munshi Manoharlal Pvt. Ltd.
8. Ghose Rajeshwari (1996), *The Tyāgarāja Cult in Tamilnāḍu: A Study in Conflict and Accommodation*, Motilal Banarsidass Publishers.
9. Gupta Parmeshwarilal (1996), *Coins* (4th ed., Vol. Reprint), National Book Trust.
10. Hudson D (2008), *The Body of God: An Emperor's Palace for Krishna in Eighth-Century Kanchipuram*, Oxford University Press.
11. Kumar Raj (2003), *South India in Essays on Indian Society*, Discovery Publishing House.
12. Maity, S., Thakur, U., & Narain, A (1988), *Studies in Orientology: Essays in memory of Prof. A.L. Basham,*Y K Publishers.
13. Mann Richard (2011) *The Rise of Mahasena: The Transformation of Skanda-Karttikeya in North India from the Kusana to Gupta Empires*, BRILL.
14. Mehendale, M A. (2001). *The History and Culture of the Indian People: The Age of Imperial Unity* (7th ed., Vol. 2,), Bharatiya Vidya Bhavan.
15. Mookerji Radhakumud (2007), *The Gupta Empire*, Motilal Banarsidass Publishers.
16. Narayan Aiyangar (1987), *Kumara in Essays on Indo-Aryan Mythology Vol 1*, Asian Educational Service.
17. Nath Vijay (2001), *Puranas and Acculturation: A Historico-Anthropological Perspective,* Munshiram Manoharlal Publishers Pvt. Ltd. Delhi.
18. Parmeshwaran (2004), *The Khandoba Cult in Encyclopaedia of The Shaivism*, Sarup & Sons.
19. Pillai Devadas S. (1997), *Indian Sociology Through Ghurye: A Dictionary,* Popular Prakashan.
20. Pillai, S. (1994). *The Contributions of the Tamils to Indian Culture: Socio-cultural aspects*, International Institute of Tamil Studies.
21. Sastry Kapali TV, Pandit Pundalik Madhav (1967), translation of *The Rigveda Samhita Vol 1,* Sri Aurobindo Ashram
22. Sircar DC (2001), *The History and Culture of the Indian People: The Age of Imperial Unity* (7th ed., Vol. 2), Bharatiya Vidya Bhavan.
23. Smith David (2008), *Hinduism and Modernity*, John Wiley & Sons.
24. Ventakaraman K R (2007), *The Cultural Heritage of India*, The Ramkrishna Mission Institute of Culture.